

A construção relativa no português brasileiro: aspectos prosódicos delimitativos

(The relative clause in Brazilian Portuguese: some prosodic aspects)

Aliana Lopes Câmara

Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas – Universidade Estadual Paulista
“Júlio de Mesquita Filho” (Unesp)

aliana.precioso@gmail.com

Abstract: This paper presents an acoustic and audio analysis of relative clauses in Brazilian Portuguese, to delimit prosodic features that distinguish the restrictive relative clause from the appositive relative clause. The theoretical framework is the Functional Discourse Grammar (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) and the auto segmental-metrical theory (LADD, 1998). Initially, we listened to all occurrences found in the Spoken Portuguese corpus in order to verify prosodic elements which influence the process of relative clause codification. To view the results of the analysis of hearsay, we selected four tokens of each type, which are analyzed by the PRAAT computer program. The analysis shows that the non-restrictive relative clause in Brazilian Portuguese is an Intonational Phrase and the restrictive relative is a Phonological Phrase.

Keywords: relative clause; intonation; pitch range; Brazilian Portuguese.

Resumo: Neste artigo, apresenta-se uma descrição das construções relativas no português brasileiro, para delimitação dos aspectos prosódicos que distinguem a oração relativa restritiva da oração relativa apositiva. O arcabouço teórico é a Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008) e a teoria autosegmental e métrica (LADD, 1998). Inicialmente, realizou-se uma análise de oitiva de todas as ocorrências do *corpus* “Português Falado” para verificar quais elementos prosódicos influenciam no processo de codificação da oração relativa. Para visualização desses resultados, algumas ocorrências foram analisadas por meio do programa computacional PRAAT. A análise comprova que a relativa apositiva no português brasileiro constitui uma Frase Entoacional e a relativa restritiva, uma Frase Fonológica.

Palavras-chave: oração relativa; entoação; tessitura; português brasileiro.

Palavras iniciais

Há uma tradição de estudos sobre a oração relativa a partir de uma perspectiva gerativista que focaliza essencialmente os aspectos formais dessas construções (TARALLO, 1983; KATO, 1996; CORRÊA, 1998). Desde o trabalho de Tarallo (1983), muitos pesquisadores brasileiros têm estudado as estratégias de relativização do português: padrão, copiadora e cortadora. Tal perspectiva aponta os critérios presença/ausência de preposição e presença/ausência de pronome cópia no interior da relativa como fundamentais na delimitação das estratégias de relativização. Já há algum tempo também, tem havido uma maior preocupação com os aspectos pragmáticos das orações relativas, desde perspectivas funcionais (FOX, 1987; GIVÓN, 2001). Fox (1987) e Givón (2001) propõem diferentes “funções/condições discursivas/pragmáticas” para as orações relativas. Para Fox (1987), que parte de uma perspectiva funcional-formal, as funções discursivas da oração relativa derivam da função sintática do nome relativizado. Givón (2001), por seu turno, estabelece uma relação entre o núcleo nominal (em termos de sua definitude e referencialidade) e o *status* dado/novo da informação veiculada pela oração relativa. A maioria dos estudos,

portanto, tem focalizado a oração relativa a partir de critérios pragmáticos, semânticos e sintáticos, relegando a um segundo plano os aspectos prosódicos.

A intuição sobre uma possível diferença prosódica entre relativa restritiva e relativa apositiva já está presente há tempos na gramática tradicional, ao defenderem que a relativa apositiva se liga ao antecedente por pausa (CUNHA; CINTRA, 2008, p. 618; BECHARA, 1999, p. 467). Defende-se, nos manuais de gramática, que essa diferença na pronúncia deve ser indicada, na escrita, por vírgula, separando a oração relativa do antecedente. É comum apresentar-se uma correlação por *default*: se tem vírgula, é apositiva; se não tem, é restritiva. Muito pouco tem sido dito sobre por que, na escrita, as apositivas são marcadas por vírgula, o que justifica este trabalho.

Parte-se aqui essencialmente dos pressupostos teóricos da Gramática Discursivo-Funcional (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), em que o Componente Gramatical está hierarquicamente organizado nos seguintes níveis: Interpessoal, Representacional, Morfossintático e Fonológico. Nessa perspectiva, a pragmática governa a semântica, que governa a morfossintaxe, que governa a fonologia. Esse modelo possibilita uma visão integrada entre os aspectos prosódicos e os outros componentes gramaticais, o que pode lançar luz a algumas questões suscitadas por trabalhos anteriores que focalizaram a oração relativa exclusivamente a partir de aspectos pragmáticos e semânticos.

A elaboração das sentenças, na Gramática Discursivo-Funcional (doravante GDF), é submetida às operações de formulação e codificação. A formulação diz respeito às regras que determinam as representações pragmáticas e semânticas da língua e compreende os Níveis Interpessoal e Representacional, respectivamente; enquanto a operação de codificação refere-se às regras que convertem essas representações pragmáticas e semânticas em representações morfossintáticas e fonológicas, compreendendo os níveis Morfossintático e Fonológico, respectivamente.

Segundo a GDF (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008), a relativa apositiva é formulada pragmaticamente como um Ato Discursivo, que tem função retórica Aposição, pois fornece informação de fundo sobre o núcleo nominal (daí a escolha aqui pela nomenclatura *relativa apositiva*). Já a relativa restritiva é formulada semanticamente como modificador do núcleo nominal. A seguir, exemplifica-se cada uma delas:

(01) é uma cidade **que também tem muito coisas antigas** (Bra80:ArteUrbana:l.92)

(02) aí nisso ia passando a Rosires, **que é nossa diretora** (Bra93:FestaEstudante:l.17-18)

Em (01), a relativa restritiva constitui um Estado-de-Coisas que funciona como um modificador do núcleo *uma cidade*, que constitui um Lugar, especificando-o para que o Ouvinte consiga formular uma imagem mental adequada do referente que está sendo construído, isto é, dentro de um conjunto de cidades possíveis, o Falante está se referindo apenas àquelas que têm coisas antigas (excluindo-se, portanto, as cidades com coisas novas e modernas) (DIK, 1997). Já em (02), há uma relativa apositiva, que constitui um Ato Discursivo Subsidiário em relação de dependência com o Ato Nuclear (*Aí nisso ia passando a Rosires*). O *status* de Ato da relativa apositiva comprova-se, entre outros fatores, por diferenças na sua codificação fonológica, como apontado por Hengeveld e Mackenzie (2008). Os autores defendem que a relativa apositiva é pronunciada com contorno ento-

cional independente da oração principal. Camacho (2012, 2013), também tendo como base o arcabouço teórico da GDF, descreve a oração relativa na lusofonia, defendendo que a oração relativa apositiva é demarcada prosodicamente por mudança de tessitura e por pausa, o que faz com que seja pronunciada com contorno entoacional próprio.

O objetivo deste trabalho é aprofundar a descrição fonológica de Camacho (2012, 2013), focalizando especificamente o português brasileiro e usando ferramentas computacionais para a interpretação e a descrição dos aspectos prosódicos. Para tanto, mobiliza-se, para compreensão dos “domínios” prosódicos no Nível Fonológico, o arcabouço teórico da GDF. Como tem sido apontada a importância do contorno entoacional na identificação e na delimitação desses domínios prosódicos, também se toma como base teórica a proposta da Fonologia Entoacional (LADD, 1998). Este artigo encontra-se dividido da seguinte forma: a esta introdução segue a primeira seção, em que se expõe o quadro teórico; na segunda seção, descrevem-se o *corpus* e a metodologia adotados, e finalmente, na terceira seção, apresenta-se a análise dos resultados.

Enquadramento teórico

Domínios prosódicos na GDF

Tendo em vista especialmente que a GDF prioriza os aspectos pragmáticos na determinação do funcionamento dos outros três níveis da gramática, é necessário explicar por que a teoria funcionalista da GDF de Hengeveld e Mackenzie (2008) opta por se basear nos domínios prosódicos do modelo gerativista da Fonologia Prosódica de Nespor e Vogel (1986), em que a fonologia é reflexo essencialmente (mas não exclusivamente) da estrutura sintática da língua.

O primeiro ponto de aproximação entre as duas teorias é que a GDF se preocupa em fornecer uma *formalização rigorosa* dos aspectos comunicacionais e, para isso, parte justamente dos domínios prosódicos propostos por Nespor e Vogel (1986) para o Nível Fonológico. No modelo gerativo, os constituintes prosódicos são definidos principalmente a partir de constituintes da morfologia e da sintaxe (sem haver necessariamente uma relação unívoca entre eles), mas também por certas informações contidas no componente semântico.

O segundo ponto em comum é a *organização hierárquica* dos constituintes fonológicos em ambas as teorias, daí Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 428) terem adotado parte das unidades da hierarquia prosódica proposta por Nespor e Vogel (1986): Enunciado (U), Frase Entoacional (IP), Frase Fonológica (PP), Palavra Fonológica (PW), Pé (F) e Sílabas (S), tal como representado a seguir:

$$(03) \quad (\pi U_1 : [(\pi IP_1 : [(\pi PP_1 : [(\pi PW_1 : [(\pi F_1 : [(\pi S)^N (F_1)]] (PW_1)]] (PP_1)]] (IP_1)]] (U_1))$$

Nessa representação, o Enunciado consiste de uma ou mais Frase Entoacional, que, por sua vez, é composta de uma ou mais Frase Fonológica, que é constituída de uma ou mais Palavra Fonológica, e assim sucessivamente.

A GDF propõe uma correlação por *default* entre as camadas do Nível Fonológico e as dos outros níveis. Enquanto o Enunciado relaciona-se com o Movimento no Nível Interpessoal, a Frase Entoacional relaciona-se ou com Atos Discursivos dentro de um

Movimento ou com Estados-de-Coisas dentro de um Episódio. As camadas relevantes para o presente trabalho são o Enunciado, a Frase Entoacional e a Frase Fonológica, discutidas a seguir.

Hengeveld e Mackenzie (2008, p. 430) afirmam que o Enunciado corresponde à maior extensão do discurso e é de difícil operacionalização. É delimitado por pausa “mais substancial” do que a pausa usada para delimitação de Frases Entoacionais. Também pode ser demarcado por distinções de *pitch* (altura) que englobam um conjunto único de Frases Entoacionais. Os autores apontam a possibilidade de o Enunciado corresponder a um paratom (palavra derivada de parágrafo):

Paratons são definidos para o inglês por Thompson¹ (1994, p. 65-66) como “unidades estruturais do discurso falado relacionadas ao tópico que são caracterizadas fonologicamente por variação de altura relativamente alta na primeira sílaba proeminente e por variação de altura extra baixa na sílaba tônica final, comumente seguida por uma pausa significativa”.² (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 430)

Essas variações de altura (*pitches*) relativamente proeminentes parecem ser comprováveis translinguisticamente, entretanto não são facilmente identificáveis, por isso aderimos à opinião de Venditti (2005, p. 191,³ apud HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 430) de que sua identificação depende também da combinação de fatores acústicos e estilísticos, que marcam que dada Frase Entoacional é a última. Tais fatores podem ser o abaixamento da frequência fundamental, o alongamento segmental, *creaky voice*, pausas longas, contornos estilizados, etc.

A Frase Entoacional, por sua vez, contém um núcleo, ou seja, um movimento de variação de altura, localizado em uma ou mais sílabas, e é separada de outras Frases Entoacionais por pausas menos longas que as usadas nos Enunciados. Além da pausa, pode haver também (ou apenas) um movimento de variação de altura de término ou outras indicações rítmicas e duracionais (HENGEVELD; MACKENZIE, 2008, p. 432). Nas frases com ilocução declarativa, há um movimento de caída (f), enquanto nas ilocuições interrogativas há um movimento global de subida (r).

A Frase Fonológica, numa relação entre níveis, corresponde ao Subato no Conteúdo Comunicado. Cada Frase Fonológica se caracteriza por conter uma sílaba acentuada mais fortemente que as outras. Uma das Frases Fonológicas (normalmente a última) dentro da Frase Entoacional representa um movimento de altura na sílaba mais acentuada, denominada sílaba nuclear, em que incide o movimento global de subida ou de descida dentro da Frase Entoacional.

Há uma diferença na codificação fonológica dos dois tipos de oração relativa, que é descrita em termos da possibilidade de a oração relativa constituir uma Frase Entoacional ou não. Segundo a GDF, somente a relativa apositiva é demarcada prosodica-

¹ THOMPSON, S. Aspects of cohesion in monologue. *Applied Linguistics*, v. 15, p. 58–75, 1994.

² No original: “Paratones are defined for English by Thompson (1994, p. 65-66) as ‘topic-related structural units of spoken discourse which are characterized phonologically by relatively high pitch on the first prominent syllable and by extra low pitch on the final tonic syllable, commmoly followed by a significant pause’.”

³ VENDITTI, J. J. The J_ToBI model of Japanese intonation. In: JUN, Sun-Ah (Ed.) *Prosodic typology: the phonology of intonation and phrasing*. Oxford: Oxford University Press, 2005. p. 172–200.

mente como uma Frase Entoacional. Pretende-se verificar aqui, por meio da análise tonal das sentenças, se a relativa apositiva do português brasileiro é codificada, diferentemente da relativa restritiva, com contorno entoacional próprio, permitindo identificá-la com uma Frase Entoacional. Para a análise da estrutura entoacional, lança-se mão do modelo autossegmental-métrico da Fonologia Entoacional (LADD, 1998), cujos princípios teóricos fundamentais para a análise são descritos na próxima seção.

Fonologia entoacional

Como não se formula uma proposta detalhada de análise da entoação na GDF, este estudo adota alguns pressupostos da teoria autossegmental e métrica (doravante AM), conforme proposto por Ladd (1998). O autor postula que a estrutura tonal do enunciado é linear e pode ser descrita em termos de eventos tonais e transições. Estas últimas constituem contornos de altura que não são fonologicamente especificados e apenas servem para marcar a transição de um evento a outro. Já os eventos tonais principais relacionam-se, especialmente, a *pitch accents* (“tons de altura”) e *edge tones* (“tons de fronteira”). O tom de altura é uma variação de altura em algum ponto da *baseline* (“linha de base”), que pode envolver um tom local máximo ou mínimo que se associa às sílabas proeminentes acentuadas no enunciado. Apesar dessa associação, deve-se distinguir entre tom de altura e acento. O acento é uma propriedade lexical abstrata da própria sílaba, independente da organização fonológica do enunciado e pode se relacionar à força maior de articulação (aumento de intensidade, duração e tendência espectral mais superficial). O padrão entoacional do enunciado, por sua vez, é dado em termos de uma linha de acentos de altura e de tons de fronteira, que são descritos em termos de tons de nível primário Alto (H) e Baixo (L), que se referem ao nível de altura na realização fonética.

Como consequência, define-se a AM como uma teoria das relações de proeminência em um enunciado, que entende a frequência fundamental (F_0) como “a manifestação de uma estrutura não hierárquica em que elementos de um tom são associados com elementos de um texto”⁴ (LADD, 1998, p. 54-55), refletindo as relações de proeminência presentes no texto. Portanto, a noção de *alinhamento* (associação do tom à sílaba) é fundamental para compreender-se como se dá a relação entre eventos no contorno da frequência fundamental (F_0) e os eventos na linha segmental. É importante acentuar que determinada sílaba pode ser metricamente mais forte ou proeminente sem necessariamente ter um acento de altura, já que não há uma relação unívoca entre acento de altura e proeminência. O acento de altura é um elemento do contorno entoacional, e não a representação acústica do acento.

Ladd (1998, p. 79), seguindo os pressupostos de Pierrehumbert, afirma que todos os acentos de altura consistem de um único tom H ou L ou de combinações de tons H e L. Um acento de altura bitonal é unido por um sinal de +. O acento de altura tem um tom principal que é marcado com um asterisco H* ou L* e pode ter um tom iniciante e/ou seguinte. Dada essa notação, Pierrehumbert postulou, para o inglês, a existência de sete tipos de acentos de altura, a saber, H*, L*, L+H*, L*+H, H+L*, H*+L e H*+H (esta última configuração entoacional foi retirada em análises posteriores).

⁴ No original: “the manifestation of an overarching structure in which elements of a tune are associated with elements of a text in ways that reflect the prominence relations in the text.”

Os tons de fronteira (alongamento ascendente ou descendente da última vogal acentuada) são indicados por Pierrehumbert (apud LADD, 1998, p. 80) como H% ou L% e constituem tons únicos associados com o final de uma Frase Entoacional. O tom H% indica uma elevação final, enquanto L% indica a ausência de elevação final.

Uma característica fonética importante, para este trabalho, é a variação da tessitura (*pitch range*), que é analisada a partir da perspectiva do enfoque normalizante, definido da seguinte forma pelo autor:

Um modelo normalizante retifica a noção de ‘gama de variação da altura’ em termos de alguns pontos de referência específicos do falante, tais como valores da F_0 mais baixos e mais altos. Tal modelo tenta abstrair as diferenças entre os falantes, os efeitos paralinguísticos e assim por diante, e expressa as caracterizações invariantes de tons em termos da gama de variação idealizada do falante que resulta desse processo de produzir fontes de variação.⁵ (LADD, 1998, p. 256)

Dessa forma, os tons H e L são definidos não a partir da altura de tons precedentes, mas a partir dessa variação idealizada de determinado falante, ou seja, um tom H é realizado no topo da gama de variação do falante e um tom L no pico. A abstração prescrita pelo enfoque normalizante é fundamental para a descrição da variação da altura, já que esta está sujeita a diversas variações de sentido derivadas de fatores extrínsecos que devem ser apropriadamente minimizados para não se comprometer a análise.

Corpus e metodologia

As construções relativas foram extraídas a partir do *corpus* “Português Falado”, que é representativo de todas as variedades que têm o português como língua oficial. Esse *corpus* foi produzido pelo Projeto “Português Falado, Variedades Geográficas e Sociais”, coordenado pelo CLUL (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa) e realizado em parceria com as Universidades de Toulouse-le-Miraile de Provence-Aix-Marseille. Para este estudo, foi selecionada apenas a amostra representativa do português brasileiro.

Primeiramente, realizou-se a escuta de todas as ocorrências de orações relativas restritivas e apositivas do *corpus*, procurando verificar se havia diferenças prosódicas entre elas, considerando-se a proposta de Tenani (1996, p. 112) para construções parentéticas, com as quais a relativa apositiva se identifica. Para a autora, o parêntese apresenta como configuração prosódica padrão: velocidade rápida e tessitura baixa.

Pretendia-se, inicialmente, submeter todos os dados ao programa computacional PRAAT⁶ para verificar os resultados de oitiva estatisticamente, entretanto a qualidade do áudio não permitiu que essa análise fosse realizada. Sendo assim, foram selecionadas e editadas quatro ocorrências prototípicas de cada tipo de relativa, para eliminação de ruídos que comprometiam a análise por meio do dispositivo computacional.

⁵ No original: “A normalising model reifies the notion of ‘pitch range’ in terms of some speaker-specific reference points, such as upper and lower F_0 values. Such a model attempts to abstract away from differences between speakers, paralinguistic effects, and so on, and express the invariant characterisations of tones in terms of the idealised speaker range that results from this process of factoring out sources of variation.”

⁶ Programa disponível para *download* em: <<http://www.fon.hum.uva.nl/praat/>>. Acesso em: 2 mar. 2014.

A seguir, a metodologia consistiu em: 1º) utilizando o programa Nero Wave, recortar, no arquivo sonoro, apenas o trecho correspondente à oração relativa e à oração principal ou núcleo nominal a que se relaciona; 2º) por meio do programa computacional PRAAT, desenvolvido por Paul Boersma e David Weenik, do Instituto de Ciências Fonéticas da Universidade de Amsterdã, realizar a descrição da frequência fundamental (F_0) dos arquivos de som, interpretando os eventos tonais de cada sentença, relacionando-os à linha segmental; e 3º) realizar a interpretação e análise dos dados, para visualização dos resultados encontrados com a análise de oitiva.

Na análise acústica para determinação dos padrões prosódicos da oração relativa, foram considerados os padrões entoacionais de cada enunciado. O objetivo foi verificar (i) se há tons de fronteira entre a oração principal e cada tipo de oração relativa, o que permite comprovar se a oração relativa forma ou não uma Frase Entoacional independente, ou seja, se ela possui um contorno entoacional independente da oração principal; (ii) se há eventos tonais que sinalizam uma mudança na variação de altura da oração relativa, indicando uma mudança de tessitura na codificação fonológica da oração relativa.

Resultados

A exposição dos resultados divide-se em duas partes. Na primeira, apresenta-se a análise dos elementos prosódicos (tessitura, velocidade e pausa), realizada a partir da escuta de todas as ocorrências. Na sequência, expõem-se os gráficos gerados computacionalmente para a análise da entoação dos enunciados, tentando tornar visíveis os resultados da análise de oitiva.

Análise de oitiva

Verifica-se, a partir da escuta das ocorrências, que a relativa restritiva nem é delimitada da oração principal por pausas nem é marcada por variação de tessitura e de velocidade, como exemplificado por (04).

- (04) então, se, se você cozinha deve ter um prato *que é o predilecto dos seus filhos*. qual é?
(Bra80:Macarronada:1.18)

Por outro lado, a relativa apositiva tem características prosódicas que permitem identificá-la com um trecho parentético. Desse modo, é possível afirmar que os elementos prosódicos responsáveis pela delimitação do trecho parentético também são relevantes na delimitação da relativa apositiva no *corpus*.

Cagliari (1992, p. 140) afirma que os trechos parentéticos são marcados por meio de tessitura mais baixa. Esse elemento prosódico tem a função coesiva de unir trechos discursivos, sinalizando ao ouvinte o que faz parte do assunto principal do texto por meio de tessitura normal e o que constitui comentários secundários pelo uso de tessitura baixa. Nas palavras do autor, a tessitura “serve para lembrar ao ouvinte como conectar coisas ditas antes com coisas ditas depois”. Os resultados mostram que a relativa apositiva é um

trecho parentético prototipicamente marcado por meio de tessitura mais baixa com relação à fala normal de cada indivíduo, como em (05).⁷

- (05) todo mundo sabe que o terno é, são três, é paletó, colete e calça |^T *que hoje está voltando*^T|. (Bra80:Bichinho:1.91)

Os critérios pausa e velocidade também são importantes na delimitação da relativa, entretanto não devem ser tomados prototipicamente, porque nem sempre estão presentes. Diferentemente da tradição, portanto, a pausa não deve ser tomada como marca prototípica na delimitação da relativa apositiva, porque há certas ocorrências em que não há pausas delimitando a relativa, em especial, em seu início. O enunciado em (06), por exemplo, não apresenta pausa nem mudança na velocidade de pronúncia da relativa apositiva.

- (06) você sabe que nós começamos numa, numa, fase de produção escravista, passamos para uma fase de produção, eh, feudal ^T *onde existia o servo e o escravo*^T e não se parou por aí. (Bra87:Economia Sociedade:1.87-8)

Outro motivo para não se tomar a pausa como uma marca prosódica prototípica é que a relativa restritiva também pode vir acompanhada de pausas no início ou no fim. Isso se deve ao fato de a pausa ser usada para segmentar a fala, permitindo ao falante respirar em certos momentos (CAGLIARI, 1992, p. 142); por isso, quando ocorre com uma relativa restritiva, não têm a função de delimitá-la como um trecho parentético, mas apenas dar tempo ao falante para elaboração de seu discurso.

Comprova-se, pela escuta das ocorrências, que as relativas restritiva e apositiva são codificadas diferentemente no nível Fonológico, uma vez que a relativa apositiva é delimitada como um trecho parentético por meio de uma ou mais das seguintes marcas prosódicas: pausa, tessitura e velocidade. Considerando a tessitura como a marca prosódica utilizada prototipicamente na delimitação da relativa, propõe-se, a seguir, analisar algumas ocorrências de cada tipo de relativa, verificando se, de fato, esse resultado se constata também quando se submetem os dados a uma análise da variação dos tons no enunciado, a partir das configurações geradas pelo programa computacional PRAAT.

Análise computacional

Nesta seção, apresentam-se os gráficos gerados computacionalmente com a representação da variação de tons e a interpretação da relação entre os tons e as sílabas de cada enunciado. Inicialmente descrevem-se os resultados e a análise referentes à relativa restritiva, para, a seguir, compará-los com aqueles referentes à relativa apositiva.

O enunciado “tem um jogo *que você desconta 70%* já é um roubo” tem um padrão melódico, em que a oração principal e a relativa restritiva são pronunciadas num mesmo contorno entoacional. Nele, a frequência fundamental, que inicia em 160,6 Hz em *tem*,

⁷ Adaptamos os símbolos usados por Tenani (1995) na transcrição prosódica de nossos exemplos. As barras assinalam pausa longa (|), breve (↑), ultra-longa (||) e ultra-breve (↑↑). A velocidade normal não é marcada e a velocidade rápida é marcada pelo traço (—). A tessitura normal não é marcada, a baixa é sinalizada por (^T) e a alta por (^{T+}).

cai para 129,4 Hz na sílaba tônica de *jogo* e volta a subir, aumentando para 207,4 Hz na sílaba pós-tônica e alcançando seu pico de 231,3 Hz na sílaba tônica de *você*. Na sequência, não há variação entoacional ao longo do enunciado até subir novamente para 227,1 Hz em *é*, ao dar continuidade à oração principal que havia sido interrompida. Vai decrescendo progressivamente até 75 Hz na sílaba tônica de *roubo*, configurando um contorno descendente, marcado por tom de fronteira L%, que sinaliza o final da Frase Entoacional.

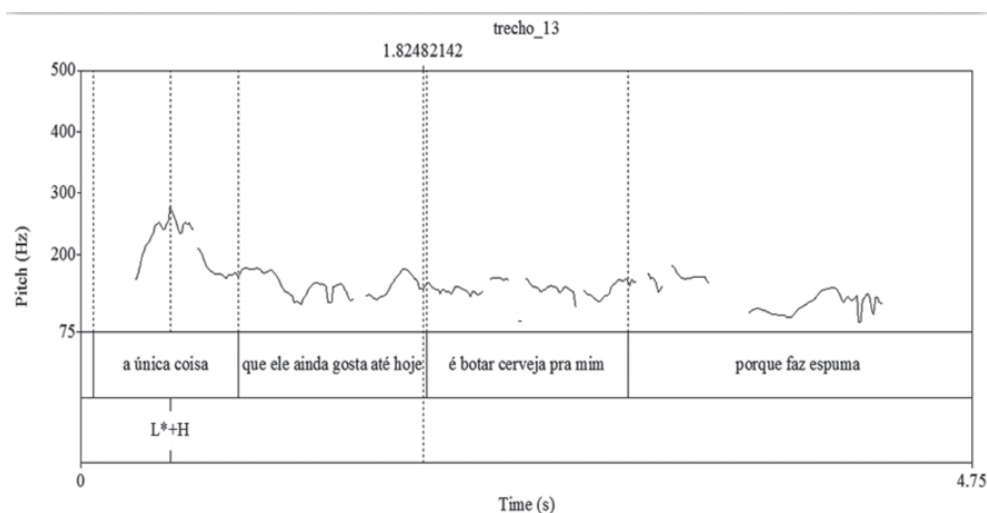


Figura 1. “Tem um jogo *que você desconta 70%* já é um roubo”

Observe-se que, apesar de haver uma variação entoacional nos limites da oração relativa, não se configuram limites de fronteira delimitativos de Frase Entoacional, pois há apenas uma variação da frequência fundamental padrão do falante de 160,6Hz para 152,2 Hz na oração relativa, que não é significativa para demarcar mudança de tessitura. Além disso, também não há uma variação significativa em Hertz nos dois picos que se configuram que possa ser interpretada como demarcadora de fronteira de Frase Entoacional. De fato, essa variação é interpretada como definindo a Frase Fonológica. Na fronteira da Frase Entoacional, há uma variação mais significativa, como será descrito a seguir.

O enunciado “A única coisa *que ele ainda gosta até hoje* é botar cerveja pra mim” também exemplifica uma restritiva intercalada. Percebe-se claramente que a oração principal e a relativa restritiva são pronunciadas num mesmo contorno entoacional. Inicia-se com um tom L* na sílaba tônica de *única* de 75 Hz, que sobe para 252,2 Hz na sílaba pós-tônica, caindo a seguir para 176 Hz no pronome relativo. O contorno entoacional mantém-se estável até o final do Enunciado, que termina com a oração coordenada explicativa.

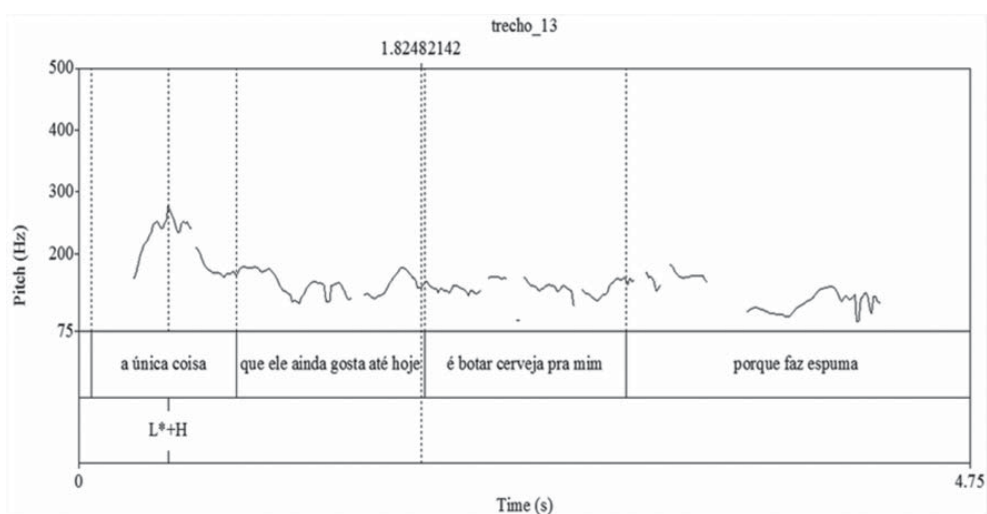


Figura 2. “A única coisa que ele ainda gosta até hoje é botar cerveja pra mim porque faz espuma”

O enunciado “Uma coisa maravilhosa que aqui na cidade não se vê” representa uma restritiva não intercalada. A F_0 mantém-se estabilizada em aproximadamente 204 Hz, sofrendo uma pequena variação tonal para 237,7 Hz na primeira sílaba tônica de *coisa*, que decresce na sílaba pós-tônica para 207,7 Hz. Há um pico na primeira sílaba da palavra *maravilhosa* de 269 Hz, com posterior queda na pré-tônica para 203,9 Hz e nova subida na sílaba tônica para 235,8 Hz. Essa variação do contorno entoacional marca o foco na palavra *maravilhosa*. Na oração relativa, não há variação de F_0 , que se mantém estável e só vai variar entoacionalmente na oração “que é fogão à lenha”. O fato de a oração principal e a oração relativa serem pronunciadas num mesmo contorno entoacional e não haver marca de limite de fronteira comprova que ambas constituem uma única Frase Entoacional.

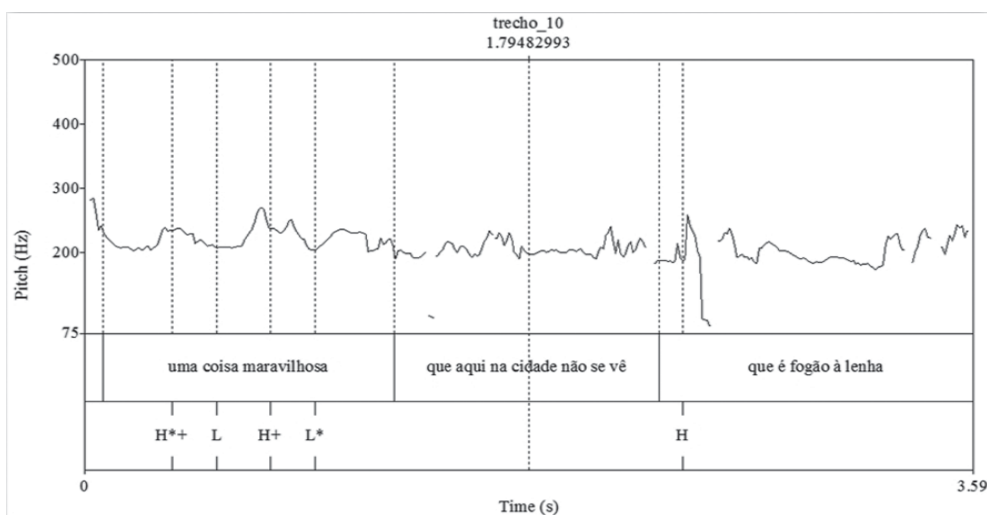


Figura 3. “Uma coisa maravilhosa que aqui na cidade não se vê”

O enunciado “sou de uma geração que não é tão antiga” também exemplifica uma relativa restritiva que aparece no final do enunciado. Em seu padrão entoacional, a F_0 sobe progressivamente desde 75 Hz na palavra *sou* até 218,9 Hz na sílaba tônica da palavra *geração*. O padrão entoacional atinge seu pico no pronome relativo com 271,1 Hz e decresce progressivamente até 125,8 Hz na sílaba tônica de *antiga*. Isso significa que

a oração principal e a oração relativa têm um único contorno entoacional, configurando uma única Frase Entoacional. O enunciado termina com o ato interativo *não é?*, seguido pelo tom de fronteira L%, sinalizando o fim da Frase Entoacional.

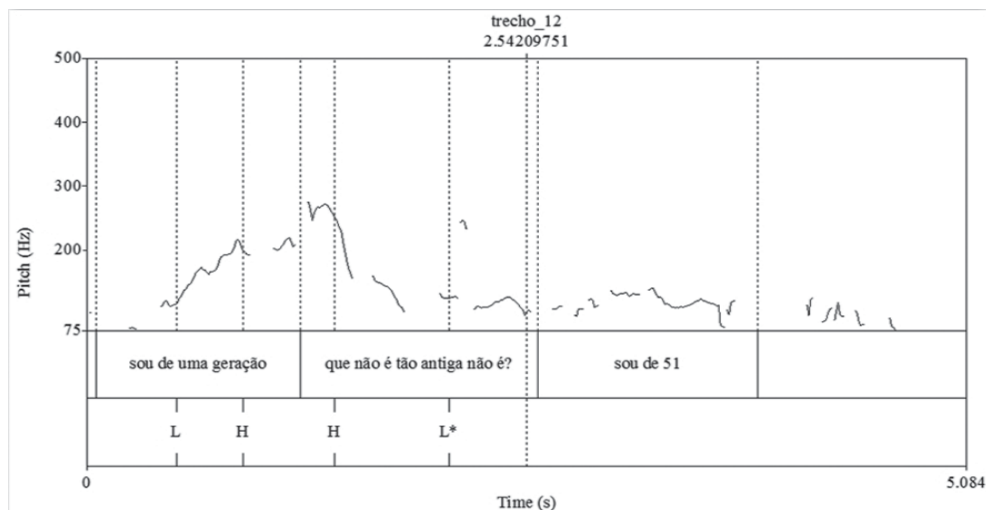


Figura 4. “sou de uma geração *que não é tão antiga*”

A partir de agora, inicia-se a discussão sobre as relativas apositivas.

No enunciado “a Rosires, *que é nossa diretora*”, há uma elevação de F_0 de 260,3 Hz na sílaba pré-tônica para 409,4 Hz na sílaba tônica de *Rosires*, formando o padrão LH*, delimitativo de Frase Entoacional no português brasileiro (TENANI, 2002, p. 79). A variação do padrão entoacional do falante (226 Hz) para 212 Hz na sílaba tônica de *nossa* marca uma variação de tessitura que delimita a Frase Entoacional. No final da oração relativa, há um pico de 417,9 Hz na sílaba tônica de *diretora*, que decresce na sílaba átona em 277,5 Hz, formando um padrão entoacional LH*, que delimita a Frase Entoacional. Além disso, há um tom L% marcando a fronteira da Frase Entoacional.

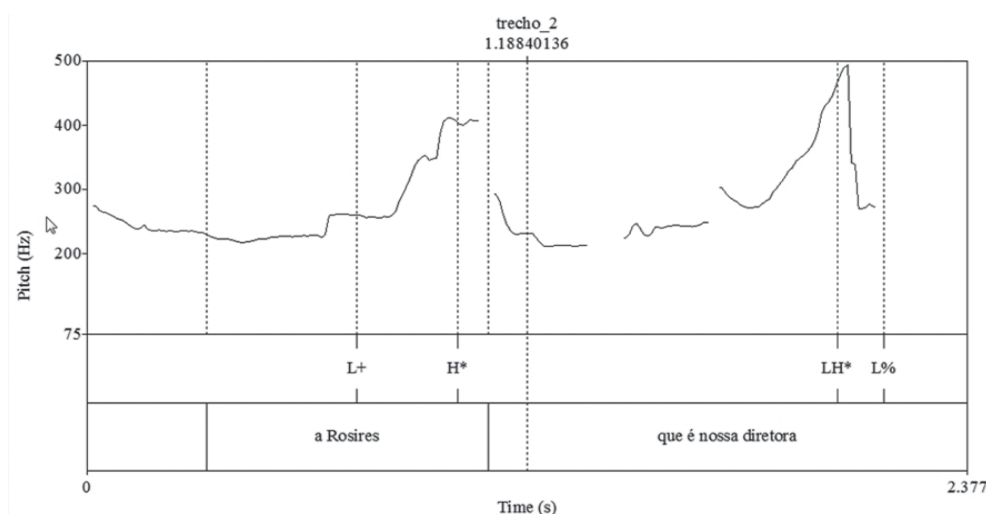


Figura 5. “a Rosires, *que é nossa diretora*”

Ao se comparar o gráfico acima com os gráficos anteriores, percebe-se nitidamente que a variação em termos de Hertz entre a oração principal e a relativa apositiva é bem

maior do que a que se verifica entre a oração principal e a relativa restritiva. Como consequência, a variação tonal na Figura 5 é interpretada como indicativa de Frase Entoacional, enquanto a variação que ocorre entre a oração principal e a relativa restritiva é interpretada como delimitativa de Frase Fonológica.

No enunciado “tipo com a Fabiana, *que mora comigo, que é minha colega de república lá em Bauru*, // eu troco muito mais roupa com ela, *que é minha amiga*, do que com a minha própria irmã”, há três orações relativas apositivas em itálico. Na oração principal, há uma subida de 245 Hz na sílaba pré-tônica para 285,9 Hz na sílaba tônica de *Fabiana*, caindo para 233,4 Hz na sílaba pós-tônica. Na primeira oração relativa, há um pico na palavra *comigo*, que varia de 209,8 Hz na sílaba pré-tônica para 307,3 Hz na sílaba tônica de *comigo* e decai na sílaba pós-tônica para 188,7 Hz, marcando tom de fronteira que sinaliza o final da Frase Entoacional. Apesar de não haver tom de fronteira delimitando a oração principal e a oração relativa, defende-se que há uma mudança de tessitura, demarcada pela variação melódica da F_0 padrão de 243 Hz para 212,9 Hz, que continua estável na segunda oração relativa apositiva, em que também há um pico entoacional em *Bauru*, que varia de 182,2 Hz na sílaba pré-tônica para 315,7 Hz na sílaba tônica, delimitando a segunda relativa apositiva como uma Frase Entoacional.

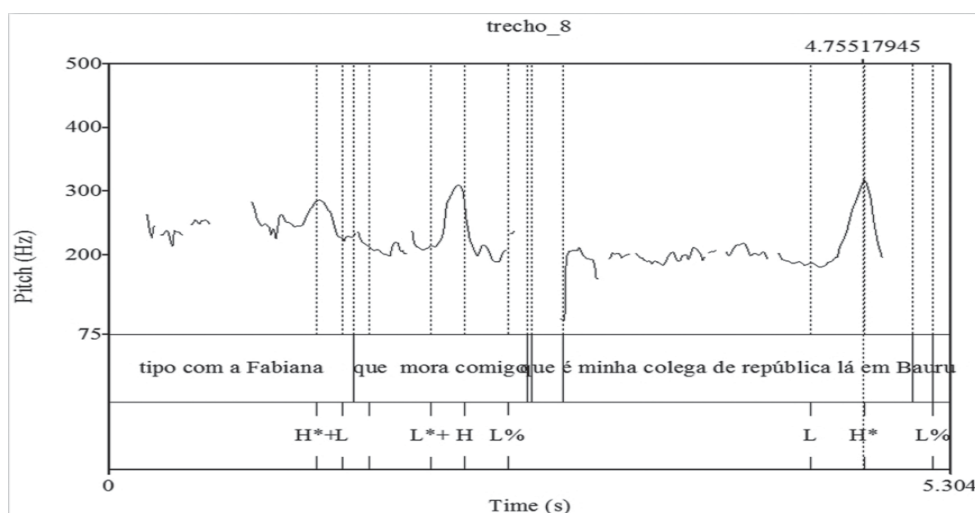


Figura 6. “A Fabiana, *que mora comigo, que é minha colega de república lá em Bauru*”

Na segunda parte do enunciado (“eu troco muito mais roupa com ela *que é minha amiga* do que com a minha própria irmã”), percebe-se claramente que é a mudança de tessitura que demarca a oração relativa como uma Frase Entoacional, já que não há tom de fronteira delimitando-a. Na oração principal, há uma subida de 297,3 Hz na sílaba pós-tônica de *muito* para 446,4 Hz em *mais*. Também há uma variação do contorno entoacional, que vai de 281,8 Hz em *com* até 356,2 Hz na sílaba tônica de *ela*, e então decai na sílaba pós-tônica. Na oração relativa, há uma queda de F_0 até atingir um vale em 219,9 Hz na sílaba pré-tônica de *amiga*, delimitando uma tessitura mais baixa que o trecho anterior e posterior. Também há um pico de 423,4 Hz na sílaba tônica de *amiga* que cai para 257,7 Hz na sílaba pós-tônica, configurando um contorno entoacional descendente, que delimita a Frase Entoacional. No final da sentença, há um ato interativo, delimitado por tom de fronteira, o que marca o fim do Enunciado Fonológico.

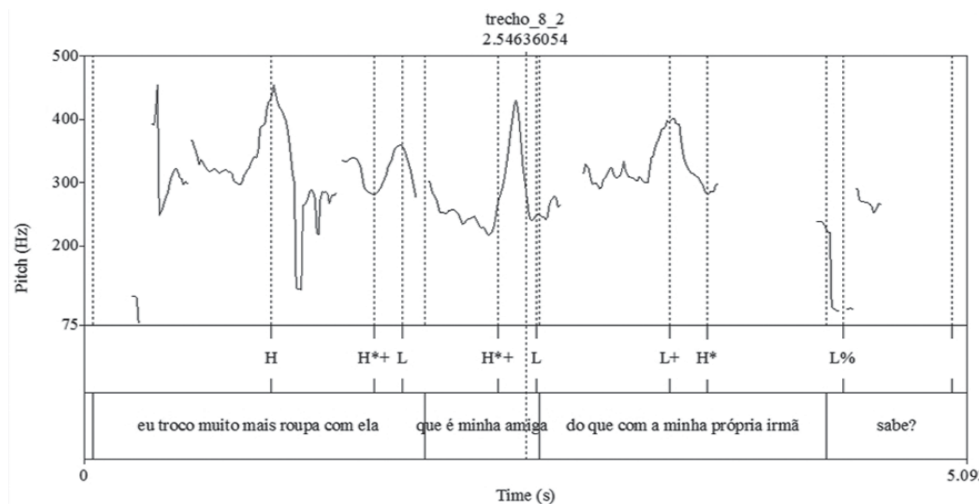


Figura 7. “eu troco muito mais roupa com ela *que é minha amiga* do que com a minha própria irmã”

Percebe-se pela análise do contorno entoacional que as orações relativas apositivas constituem de fato uma Frase Entoacional, já que são pronunciadas com tessitura mais baixa que a F_0 padrão do falante. Além disso, ocorre uma subida brusca da altura na última sílaba tônica da oração relativa apositiva, formando o padrão entoacional LH*, que é seguido por tom de fronteira L%.

Palavras finais

Este trabalho apresenta uma descrição dos aspectos fonológicos da oração relativa, até então muito pouco explorados nas diversas pesquisas sobre o tema no português brasileiro. A análise de oitava comprova que três elementos são fundamentais na delimitação prosódica da relativa apositiva (pausa, velocidade e tessitura), porém o único fator que está presente em todas as ocorrências é a variação de tessitura. Devido a essa constatação, os dados foram analisados a partir da ferramenta computacional PRAAT, com o objetivo de visualizar graficamente os resultados da análise de oitava. Como consequência, a análise aponta para algumas marcas na variação tonal das relativas apositivas que também são importantes na descrição desse fenômeno linguístico: a formação, no final da oração principal e da relativa apositiva, de um padrão prosódico LH*, que delimita a Frase Entoacional no português.

Enfim, este estudo corrobora a interpretação dada às relativas apositivas por Hengeveld e Mackenzie (2008). Ou seja, a variação de tons na relativa apositiva, atestada estatisticamente, comprova que se trata de uma Frase Entoacional.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CAGLIARI, L. C. Prosódica: algumas funções dos supra-segmentos. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 23, p. 137-151, jul./dez., 1992.

CAMACHO, R. G. Construções relativas sob a perspectiva discursivo-funcional. In: SOUZA, E. R. (Org.). *Funcionalismo Linguístico*. 12. ed. São Paulo: Contexto, 2012. p. 171-200. (Novas tendências teóricas, v. 1).

_____. Construções relativas nas variedades do português: uma interpretação discursivo-funcional. *Filologia e Linguística Portuguesa*, São Paulo, v. 15, n. 1, p. 179-214, 2013.

CORRÊA, W. R. *Oração relativa: o que se fala e o que se aprende no português brasileiro*. 1998. 165f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 1998.

CRISTOFARO, S. *Subordination*. Oxford: University Press, 2003.

CUNHA, C.; CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. 5. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2008.

DIK, S. C. *The theory of Functional Grammar*. Part 1: The structure of the clause. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1997.

FOX, B. A. The Noun Phrase Accessibility Hierarchy Reinterpreted: Subject Primacy or the Absolute Hypothesis? *Language*, v. 63, n. 4, p. 856-870, 1987.

GIVÓN, T. *Syntax*. Amsterdam: John Benjamins, 2001. v. 2.

HENGEVELD, K.; MACKENZIE, J. L. *Functional discourse grammar: a typologically-based theory of language structure*. Oxford: Oxford University Press, 2008.

LADD, D. R. *Intonational Phonology*. Cambridge University Press: New York, 1998.

NESPOR, M.; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht-Holland: Foris Publications, 1986.

KATO, M. A. Recontando a história das relativas em uma perspectiva paramétrica. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A (Org.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas: Editora da Unicamp, 1996.

TARALLO, F. L. *Relativization Strategies in Brazilian Portuguese*. 1983. 273f. PhD Dissertation, University of Pennsylvania, Philadelphia, 1983.

TENANI, L. E. *Marcas prosódicas das inserções parentéticas*. 1996. 189 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 1996.

_____. Domínios prosódicos no Português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos. 317f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade de Campinas, Campinas, 2002.